

AS PRÁTICAS RITUAIS DO BATUQUE NO MERCADO PÚBLICO

Por Neiva Maria Abreu Fernandes

MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL

Publicado no Jornal JOCAB (Porto Alegre/RS) em meados de 1995

Desde o início do desenvolvimento da cidade de Porto Alegre, o espaço que hoje abriga o Mercado Público e a Praça da Alfândega passou por diversas transformações.

De 1781 a 1842, Porto Alegre contava com uma banca de peixe e as barracas dos quitandeiros instalados na costa do Rio, entre as Praças da Quitanda (hoje Alfândega) e Paraíso (hoje XV de Novembro).

Pelo que consta no código de posturas policiais, nota-se a preocupação do governo (desde 1831) em disciplinar a comercialização dos comestíveis nessa área.

Na gestão do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira (Presidente da Província de 1839 a 1840 e de 1841 a 1842) concretizou-se o início da construção do prédio do Mercado, na localização demarcada, que passou a chamar-se “Praça do Mercado”. O primeiro mercado foi construído onde hoje encontra-se aproximadamente a área ajardinada da Praça XV de Novembro, o que não agradou muito os vereadores da época, por não se encontrar em alinhamento com a Rua de Bragança, atual Marechal Floriano.

O 1º mercado, “prédio de planta quadrada, em alvenaria de tijolos e com portões de ferro”, ficou pronto e foi aberto ao público em 1º de outubro de 1844.

A “Praça do Mercado” ficou a disposição da população até 1870.

Neste ano foi liberado o prédio do novo Mercado, com proporções bem maiores, na mesma Praça do Paraíso. A nova edificação apresentava também 24 chalés de madeira, para abrigar mais bancas, construídas no pátio inteiro.

Em cinco de junho de um mil novecentos e doze, houve um incêndio que destruiu as bancas de madeira. Na reconstituição foram usados cimento e ferro, o que permanece até os dias de hoje.

Após breve relato histórico, não poderíamos deixar de mencionar a importância do Mercado para a comunidade do Batuque.

Conta a tradição oral que, em seu ponto central, estão enterrados axés.

Segundo Correa (1992), o espaço do Mercado Público foi utilizado pelos negros nos séculos passados para ali enterrar “axés” para Bará e Obocum. Nos locais onde a cultura negra se fazia presente, esta prática era comum e simbolizava a abundância e a riqueza.

A importância do Mercado para a Comunidade negra também está presente no ritual de iniciação do Batuque que culmina com a cerimônia do “passeio”, visto que, um dos lugares de visitação dos fiéis é o próprio mercado.

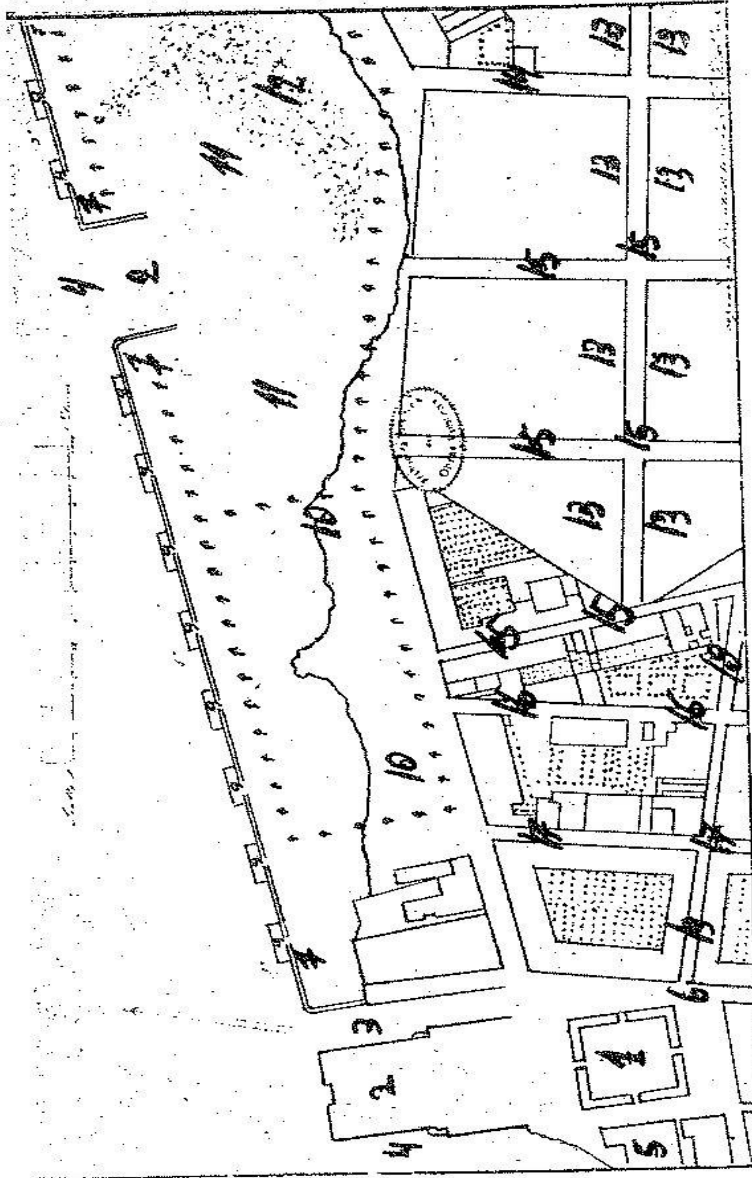
A cerimônia consiste na visitação a “lugares importantes do espaço físico místico e social, como um templo católico, o mercado, as águas e finalmente as casas de culto”. (Correa:1992)

Com essa cerimônia, o noviço não é só agregado simbolicamente ao mundo em que vivia, como também passa oficialmente a fazer parte da comunidade do Batuque.

No processo dos ritos de passagem, a cerimônia inicial (o “Serão”) determina a separação da vida profana com a permanência do indivíduo na casa de culto. Neste momento, o iniciado submete-se a uma série de proibições que, simbolicamente, podem ser interpretadas como uma morte ritual (a mesma morte simbólica praticada na África).

Após este período, o iniciado, simbolicamente “na condição de renascido é apresentado ao mundo” (Correa, 1992)

Dai a importância do mercado não só para a comunidade leiga, que o utiliza para a compra de gêneros alimentícios, mas também para os adeptos do Batuque como um espaço que se oferece à realização de suas práticas rituais.



Planta de 1853 onde se vê o primeiro mercado, que se localizava exatamente onde hoje está a área arborizada da Praça 15 de Novembro.

Texto da legenda original:

PLANTA de uma parte da cidade de Porto Alegre, apresentando os melhoramentos que se podem fazer desde a Doca até o Beco do Barbosa, no qual se observa o grande cais, a grande praça para um passeio público, a grande rampa e praça para madeiras, estaleiros e outros mistérios. Levantada por L. P. Dias em dezembro de 1853.

1. Edifício do Mercado
2. Paraça do Mercado
3. Doca em serviço
4. Doca em projeto
5. Terrenos em desapropriação
6. Rua da Bragança
7. Projeto do grande cais
8. Grande rampa
9. Rampas de serviço
10. Passeio público

Os números 3º, 4º e 5º indicam a menor altura da água.

11. Grande praça para madeiras e outras mistérios

12. Grande banheiro

13. Terrenos da Brigueira

14. Rua da Brigueira

15. Ruas em projeto

16. Rua Santa Catarina

17. Rua do Rosário

18. Beco do Condeito

19. Beco do Rosário

— Macedo, Francisco Riquartense de — Porto Alegre. História e vida da cidade — Porto Alegre, UFRGS, 1973, p. 152.